

Solidariedade como princípio de organização pastoral e eclesial

Matheus da Silva Bernardes¹

Resumo: O presente trabalho retoma a ideia de *solidariedade cristã* apresentada por J. Sobrino e verifica se ela não pode ser introduzida como categoria de organização pastoral e, até mesmo, eclesial. Os desafios da atualidade são imensos; parecera que o centro da atividade eclesial já não está no anúncio do Reino de Deus aos mais pobres (Lc 4,18), mas a manutenção das estruturas eclesiais. Para que a pastoral e a própria Igreja não percam sua relevância no século XXI é fundamental recolher aquilo que o Documento de Aparecida (365-372) já mencionou e que Francisco, em seu Pontificado (EG 15), tem insistido: não basta uma pastoral de manutenção; uma decidida pastoral missionária é urgente. Não seria a solidariedade um caminho possível que incentive a conversão pastoral e eclesial almejada?

Palavras-chaves: Solidariedade; J. Sobrino; Pastoral; Igrejas Particulares

Abstract: This paper recolects the idea of *Christian solidarity* presented by J. Sobrino and verifies if it cannot be introduced as category of pastoral, and even eclesial, organization. The challenges of the present days are huge; it seems the center of eclesial activity is not anymore the preaching of God's Kingdom to the poor (Lk 4,18), but the mantance of Church structures. It is fundamental to the Church to take over what is already meant on Aparecida's final document (365-372) and what Pope Francis stresses: a mantance pastoral care is not enough (EG 15); a missionary pastoral care is urgent. Would not be solidarity a possible way to achieve the desired pastoral and eclesial conversion?

INTRODUÇÃO

No capítulo terceiro da Epístola aos Colossenses, lê-se: “Suportai-vos uns aos outros” (Cl 3,1). Inspirado pela frase, J. Sobrino escreveu um artigo sobre a solidariedade cristã, publicado originalmente no periódico *Estudios Centroamericanos*, em 1982, e posteriormente recopilado no livro *El principio-misericordia: bajar de la cruz a los pueblos crucificados*, em 1992. A intenção original do autor foi justificar o giro de compreensão da própria Teologia já não só como *intellectus fidei*, mas como *intellectus amoris*. Nesse sentido, a solidariedade emerge no horizonte da reflexão teológica como categoria epistemológica fundamental para

1 Presbítero da Arquidiocese de Campinas/ SP e aluno do programa de pós-graduação – doutorado em Teologia Sistemática – da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE) – Belo Horizonte/ MG. Especialista em Teologia Pastoral pela mesma instituição (2018). Mestre em Teologia Sistemática pela Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção – São Paulo/ SP (2008). Graduado em Teologia pela PUC-Chile – Santiago do Chile (2006), tendo seu título reconhecido no Brasil pela Faculdade Dehoniana – Taubaté/ SP (2015). Professor do curso de extensão de Teologia para leigos do Centro Universitário Salesiano (Unisal) – Campinas/ SP, e de Antropologia Teológica da PUCC – Campinas/ SP. Autor de estudos sobre a relação natureza e graça, sobretudo a partir dos pensamentos de Agostinho de Hipona e Tomás de Aquino, e a Cristologia latino-americana, principalmente a partir da Conferência de Medellín (1968) e dos escritos de J. Sobrino. É membro dos grupos de pesquisa Teologia e Pastoral (FAJE), que estuda caminhos para a ação pastoral hoje, e Teologia Litúrgica (PUC-SP), que pesquisa a Filosofia de X. Zubiri e sua interface com a Teologia. O presente trabalho foi realizado com o apoio da CAPES – código de financiamento 001. E-mail: pe.matheusbernardes@gmail.com

a promoção da mudança citada: a *Teo-logia* não é produto de um esforço teórico, mas fruto de uma práxis.

A solidariedade deve ser entendida a partir da realidade dos pobres. Não se trata de qualquer realidade, mas da realidade histórica mais urgente do século passado. Por mais que se tenha tentado – e ainda se tenta – encobrir essa realidade, sua manifestação é a verdade mais real como apresenta o autor espanhol radicado em El Salvador. A realidade dos pobres não seria também determinação para o entendimento teológico e cristão da solidariedade?

Quando se afirma que a *Teo-logia* é fruto de uma práxis, está se referindo a uma muito concreta: a práxis libertadora de Jesus de Nazaré que viveu em solidariedade com as mulheres e os homens de seu tempo, principalmente os empobrecidos e marginalizados. Justamente a partir de Jesus, a solidariedade pode ser compreendida não só como um movimento social de inclusão, mas como um movimento *teo-logal*, isto é, o movimento de Deus que se aproxima da humanidade empobrecida.

Outra grande motivação tida pelo autor para escrever seu artigo foi a solidariedade experimentada pela Igreja de El Salvador nos anos 70, 80 e 90 do século passado. Ele até chega a formular essa experiência concreta como *forma fundamental* de as igrejas se relacionarem. O conhecimento da dura realidade vivida pelas cristãs e cristãos salvadorenhos, especialmente a perseguição, a tortura e a morte, motivou igrejas de diversas latitudes a realizar ações concretas em seu favor. Em todo esse esforço solidário foi possível identificar a catolicidade da Igreja, inclusive mais: foi possível verificar que a universalidade da Igreja se decide histórica e particularmente nas ações solidárias das diversas comunidades.

Mais um fato importante que o autor destacou foi a que a ajuda oferecida às cristãs e aos cristãos de El Salvador não foi um movimento unidirecional, isto é, somente dar. Tratou-se de um dar e receber mutuamente; aqueles que, em primeiro lugar davam, também recebiam sobretudo nova força para perseverar na esperança no Deus de Jesus Cristo, que quer a vida e não a morte do ser humano.

2 OS DESAFIOS DA ATUALIDADE

Seria uma pretensão muito grande querer compreender todos os desafios para a evangelização na atualidade em um breve apartado. Contudo, a intenção principal desta reflexão não é apresentar os inúmeros desafios, mas o que – segundo uma modesta opinião – está à base de todos eles. Trata-se, portanto, de um esforço mais bem sistemático para encontrar a origem daquilo que tem emperrado o processo da Pastoral e até da própria Igreja na atualidade.

Diante de uma ambição crescente de produzir subsídios que respondam às diversas necessidades das comunidades eclesiais, talvez se tenha esquecido do fundamental: a práxis. Tanto a Teologia como a Pastoral – portanto, a Igreja – devem cultivar conscientemente a

castidade intelectual, isto é, o não saber é necessário para saber de Deus (SOBRINO, 1994, p. 232). Todas as vezes em que se pensa ter chegado à *panaceia* teológica, pastoral ou eclesial, no fundo que está se fazendo é não dar espaço para que Deus seja Deus e o ser humano, humano. A práxis, não obstante, dá espaço para esse não saber que exige abertura à gratuidade e ao mistério.

Seria um equívoco pensar que a raiz dos desafios da realidade seja somente de ordem material; é também uma problemática formal. Não é tanto a pergunta pelo “quê”, mas pelo “como” os desafios podem ser captados e devidamente respondidos. A pergunta pela realidade, sobretudo tal como ela se manifesta, não pode ser deixada de lado.

É conhecida a influência do pensamento de X. Zubiri no pensamento teológico, especialmente no pensamento de teólogos latino-americanos. Vale destacar a tríade intelectual elaborada por I. Ellacuría a partir da filosofia zubiriana:

Se conoce la realidad cuando además de hacerse cargo de ella (momento noético) y de cargar con ella (momento ético), uno se encarga de ella (momento prático). (Idem, 1989, p. 292)²

Diante dessa exigência que a realidade impõe para a inteligência, logo para a reflexão teológica e pastoral, é essencial saber qual é o *fato maior* da atualidade que permitirá a organização da Pastoral e, também, da própria Igreja. Nesse sentido, vale a pena voltar ao pensamento de J. Sobrino e se perguntar se o *fato maior* da Teologia da Libertação por ele apresentado continua sendo o mesmo da atualidade.

O autor afirma que a irrupção massiva da pobreza na América Latina no século passado foi, sem sombra de dúvidas, o *fato maior* para a Teologia da Libertação. Todo o sofrimento das mulheres e homens empobrecidos, mas ao mesmo tempo toda a sua esperança se convertera em palavra de realidade que não pode ser silenciada, não pode ser ocultada (Idem, 1994, p. 49).

Esse *fato maior* não se tornou somente o começo cronológico da Teologia da Libertação e também dos movimentos libertários; é o começo lógico de todo esse processo, além de ser guia e inspiração que o orienta à sua finalidade (Ibidem, p. 49). Foi um esforço que se converteu em círculo hermenêutico: historizar para teologizar e teologizar para historizar (Idem, 1996, p. 101). A realidade histórica concreta se converte em mediação para a reflexão teológica e pastoral; não há caminho melhor para captar a realidade do Crucificado que se aproximando dos povos crucificados (Idem, 1999, p. 418).

Pensar a partir da realidade dos pobres, de seu sofrimento e sua esperança é a aceitação dessa realidade como sinal dos tempos, além de ser coerente com a Revelação e promove mais vida cristã (Ibidem, p. 289). Este é o momento da conversão da *teo-logia* em *teo- práxis*;

2 Conhece-se a realidade quando além de acolhê-la (momento noético) e carregá-la (momento ético), também se encarrega – se faz responsável – por ela. Tradução do autor.

não é possível permanecer indiferente diante do sofrimento, é preciso fazer algo. Como não *re-agir* diante da privação de identidade de tantos, da negação da vida e, finalmente, da morte lenta e, não poucas vezes, violenta dos mais necessitados?

Poder-se-ia pensar que a reflexão acima estaria incorrendo no perigo de reduzir o ponto de partida da Teologia, da Pastoral e de toda atividade da Igreja em uma mera análise sociológica. De fato, não faltaram esse tipo de acusação contra teólogos da Libertação. Contudo, a práxis não é iniciativa humana, em primeiro lugar; a práxis é iniciativa de Deus que se aproxima, definitivamente, da humanidade pobre e sofredora em Jesus de Nazaré. E a práxis histórica de Jesus de Nazaré se tornou mediação cognitiva que permite tanto Teologia, como Pastoral aprender a *ser como Deus* e a *fazer como Deus* (*Ibidem*, p. 340).

Ampliando o horizonte da discussão, não seria essa *re-ação* de Deus em Jesus de Nazaré a *norma normans* da Teologia e da Pastoral? A solidariedade de Deus para com o que não era Deus, isto é para a *sárx* débil e frágil do ser humano, não é a linha mestra de toda ação eclesial? O fato de que Deus se aproxima daquilo que lhe é diferente, daquilo que é outro, não deve se converter no princípio fundamental de reflexão teológico-pastoral (*Ibidem*, p. 362 e 372)?

2 A SOLIDARIEDADE CRISTÃ

A situação vivida pela Igreja de El Salvador, no final da segunda metade do século passado, permitiu o surgimento de um novo fenômeno de solidariedade entre as igrejas – não só católicas, mas também igrejas cristãs de diversas denominações (*Idem*, 1994, p. 214). O fenômeno foi estudado por J. Sobrino na análise teológica sobre a solidariedade cristã.

Não se tratou somente da descrição de um novo fenômeno, mas um verdadeiro estudo que permitiu o aprofundamento do entendimento da solidariedade e constatar que ela não se manifesta somente em ações delimitadas, mas é uma atitude verdadeira e autenticamente cristã (*Ibidem*, p. 213).

A solidariedade cristã tem sua raiz em uma realidade objetiva histórica e eficaz: “a realidade de miséria, opressão e injustiça em que vivem milhões de seres humanos” (*Ibidem*, p. 217). Exatamente, pelo *des-cobrimento* dessa realidade coberta, pelo *des-velamento* dessa verdade muitas vezes velada cristãs e cristãos, seja em El Salvador como em outras partes, se viram desafiados a uma resposta eficaz e urgente: não era possível que a realidade de milhões de seres humanos permanecesse invisível aos olhos das igrejas.

Pode-se dizer que esse novo fenômeno em torno da solidariedade cristã teve uma origem genética: a perseguição de cristãs e cristãos em El Salvador (*Ibidem*, p. 217-219). Ao acolher o clamor da Segunda Conferência do Episcopado Latino-americano, realizada em Medellín em 1968, a Igreja de El Salvador se colocou ao lado dos mais pobres, se tornou solidária com eles (Pobreza da Igreja, n. 8). Inclusive, é possível dizer mais: não se tratou

somente de um movimento na Igreja de El Salvador, mas em toda a Igreja da América Latina que encontrou a confirmação de sua opção na Terceira Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, realizada em Puebla em 1979:

Comprovamos, pois, como o mais devastador e humilhante flagelo a situação de pobreza desumana em que vivem milhões de latino-americanos e que se exprime, por exemplo, em mortalidade infantil, em falta de moradia adequada, em problemas de saúde, salários de fome, desemprego e subemprego, desnutrição, instabilidade no trabalho, migrações maciças, forçadas e sem proteção. (Puebla, n. 89)

A aparição histórica da solidariedade cristã diante na situação vivida em El Salvador e também em outros países da América Latina, no século passado, supera toda compreensão *a priori* de solidariedade. Essa mediação cognitiva histórica e real mostra que a verdadeira solidariedade não está em formar uma aliança para defender interesses próprios, mas em se colocar completamente à disposição do outro e preservar o seu interesse, como é possível ler na belíssima passagem do Bom Samaritano no Evangelho segundo Lucas (Lc 10,25-37). Trata-se de uma noção *a posteriori* da solidariedade cristã apreendida a partir dessa situação.

O samaritano que passava pelo caminho e se deteve para cuidar daquele homem que caiu nas mãos dos assaltantes não tinha outra motivação que simplesmente seu bem. Não estava preocupado em cumprir nenhum preceito da lei, nem mesmo fazer *o que se devia fazer*, ele o fez por pura misericórdia e bondade. Essa atitude do personagem da parábola permite aos leitores do Evangelho identificá-lo com o próprio Jesus que não *re-agia* diante das limitações alheias para cumprir a Lei, mas por puro amor (SOBRINO, 1994, p. 34).

2.1 A SOLIDARIEDADE CRISTÃ COMO PRINCÍPIO DE ORGANIZAÇÃO PASTORAL

Novamente, ampliando a reflexão é preciso voltar o olhar para a realidade atual e se perguntar até que ponto a perseguição pode ser motivação, hoje, para a solidariedade entre cristãs e cristãos, entre comunidades e até mesmo entre igrejas particulares. Contudo, como já foi possível constatar, a solidariedade cristã não é só um movimento pontual e delimitado pela contingência de um devir histórico. Trata-se do movimento do próprio Deus, em Jesus de Nazaré, que se aproxima da humanidade pecadora e empobrecida.

Não há ato solidário maior que o fato de a Palavra (*lógos*) ter se feito carne (*sárx*), ter se feito algo que, por essência, lhe é alheio, lhe é outro (*Ibidem*, p. 222). Ao mesmo tempo, não há ato mais gratuito e bondoso que a participação total de Deus no destino humano, chegando até o extremo de uma morte violenta.

Na história de Jesus de Nazaré irrompeu, de forma inusitada e insuspeita, a grande solidariedade entre Deus e a humanidade empobrecida. Essa realidade pode ser conhecida pela

sua vida, especialmente porque ele aprendeu a confiar em Deus que é Pai, mas que também lhe é obediente porque permanece um mistério (*Idem*, 1996, p. 203-207 e 215-216).

Com isso, Jesus não revela somente quem é Deus, mas também quem é o ser humano e seu chamado para se relacionar com Deus. O ser humano, em Jesus de Nazaré, já não pode manipular mais a Deus, mas é convidado a se entregar (*fides qua*) à sua vontade e essa é uma só: que o ser humano viva, parafraseando Irineu de Lyon (*Idem*, 1999, p. 427). Portanto, todo projeto humano para que seja verdadeiramente humano deve incluir a preservação da vida mínima de toda mulher e homem ao longo da história (*Idem*, 1996, p. 131-134).

Seria reducionista afirmar que a Igreja é um projeto meramente humano, afinal de contas ela só existe e subsiste ao longo da história graças à ação do Espírito Santo. Entretanto, não se pode esquecer de que a Igreja prolonga em suas ações, especialmente na ação pastoral, a práxis de Jesus Cristo. Ele não apontou somente para o final da história (salvação escatológica), mas realizou milagres e expulsou demônios, o que não expressou outra coisa senão a realidade de que o Reino de Deus estava próximo (Mc 1,15); soube acolher e fazer refeição com os pecadores; colocou-se em defesa dos pobres e marginalizados, principalmente aqueles que eram marginalizados pela religião dos judeus (*Ibidem*, 135-152); e solidarizou com as vítimas deste mundo ao ser morto em uma cruz (*Ibidem*, p. 363-364). Jesus mostrou em sua vida que a salvação, sim, pode ser uma realidade imediata aos seres humanos (salvação histórica).

Logo, a solidariedade especialmente aquela revelada em Jesus de Nazaré é *norma normans*, como já mencionou, da ação pastoral da Igreja. Quais seriam as pistas para uma organização pastoral solidária?

Muitas vezes, existe a tentação de reduzir a solidariedade somente à ação das pastorais sociais emergenciais, como as pastorais que realizam um serviço assistencial – e necessário! – a mulheres e homens que se encontram em situação de risco social: menores abandonados, moradores em situação de rua, doentes terminais, usuários de álcool e drogas, famílias desamparadas, entre outros.

Contudo, não se deve entender a solidariedade como movimento de direção única: não se trata somente de um dar, mas um dar e receber mutuamente. Logo, o olhar solidário verdadeiro para todos aqueles que vivem em uma situação de risco social – portanto, realmente empobrecidos – também desperta nos membros da Igreja um ardor e uma esperança renovados.

A organização de uma pastoral que tem a solidariedade como princípio não estima somente o resultado numérico de suas ações, uma grande tentação na atualidade. Foca, sobretudo, a conversão para o outro: em primeiro lugar, para o Outro divino que se revelou em Jesus Cristo e para o outro que é irmã e irmão, porém a irmã e o irmão que são empobrecidos (EG 48).

A irrupção dos pobres na vida da Igreja e a solidariedade para com eles não deve ser vista unicamente como imperativo ético, trata-se próprio do mandato missionário com o

qual o próprio Jesus enviou seus discípulos e, portanto, sua Igreja (Mc 16,15). A solidariedade para com os demais, especialmente para com os mais necessitados e pobres expressa o ser missionário da Igreja (SOBRINO, 1994, p. 228-230). Assim, a Igreja se assemelha a seu Senhor que também foi enviado em missão ao mundo para anunciar a boa-nova aos pobres, a libertação aos cativos e o ano da graça do Senhor (Lc 4,18-19).

A permanência da solidariedade na Igreja não se dá somente pelo fato de que ainda há cristãs e cristãos perseguidos, mas pela própria missão da Igreja no meio do mundo. O mandato missionário, como já se mencionou, se vê na solidariedade de uns para com outros, se vê na verdadeira conversão para a alteridade independentemente do quanto diferença ela seja.

Nesse sentido, a organização da pastoral da Igreja deve favorecer as estruturas missionárias e não somente as de manutenção, como insiste o Documento da Conferência de Aparecida (Aparecida, n. 370) e o Papa Francisco (EG 15). A conversão missionária da Igreja, anseio profundo de Francisco, não se expressará somente nas empresas missionárias *outramer*, mas em todas as ações pastorais diárias das cristãs e cristãos, especialmente aquelas que permitam o profundo encontro com pobre.

2.2. A SOLIDARIEDADE CRISTÃ COMO PRINCÍPIO DE ORGANIZAÇÃO ECLESIAL

Já foi apresentado acima, a origem genética da solidariedade na Igreja de El Salvador se deu quando igrejas católicas e cristãs de diversas denominações assumiram como próprios os desafios enfrentados pelas cristãs e cristãos desse país centro-americano (SOBRINO, 1994, p. 217-219).

Contudo, como remarca muito bem J. Sobrino, a solidariedade não deve ser compreendida exclusivamente a partir dessa origem genética, mas a partir da própria revelação de Deus em Jesus de Nazaré: Deus se solidarizou com a humanidade empobrecida. A solidariedade, portanto, é um movimento *teo-logical* e, também, deveria ser um movimento *eclesial* (*Ibidem*, 226-228).

Ao afirmar que a organização da Pastoral deve se orientar por essa solidariedade primigênia – a solidariedade de Deus para com as mulheres e os homens em Jesus de Nazaré – está se sublinhando que as estruturas pastorais da Igreja favoreçam o descentramento das cristãs e cristãos para que possam, nas palavras de Francisco, sair de si mesmo e se encontrar com o outro (EG 179). Trata-se, portanto, de uma pastoral missionária por excelência.

Entretanto, com essa afirmação também nasce a pergunta pela organização da própria Igreja. Essa organização favorece a missionaridade ou está mais bem focada na manutenção de si mesma? Como deveriam ser as estruturas eclesiais para que a missionaridade prevaleça?

Possivelmente, a resposta já seja intuída pelo recorrido até o momento: uma Igreja missionária, que se ocupa com a Evangelização e a realização do Reino (SOBRINO, 1994, p. 229),

deve ser uma Igreja solidária. Contudo, essa solidariedade não pode se restringir somente à boa vontade; é preciso que as estruturas não só da Igreja Universal, mas das igrejas particulares se mostrem solidárias.

Não são poucos os exemplos das assim chamadas “igrejas-irmãs” – igrejas particulares que se manifestam solidárias para com outras enviando ajuda pessoal e material (Aparecida, 182). Há mais que boa vontade: há projetos concretos de envio de missionárias e missionários, planos de arrecadação de fundos e construção de templos, centros pastorais e dispensários. Nota-se que a via do dar é ampla e estimula muito as ações de diversas igrejas particulares mais abastadas.

Entretanto, vale a pergunta: será que o entusiasmo ao dar é o mesmo ao receber? Não se pode esquecer de que a solidariedade cristã é um caminho de mão dupla: dar e receber. O que, infelizmente, se vê – e não são poucos os casos! – que igrejas particulares, que possuem abundância, têm se empenhado muito para enviar ajuda para igrejas particulares empobrecidas, mas não se verifica o mesmo empenho para acolher o que vem dessas comunidades – a via do receber.

Ao oferecer ajuda, uma igreja particular também deve estar aberta para acolher a Boa-nova daqueles que recebem essa ajuda. Ainda mais: ao acolher essa Boa-nova carregada de ardor e esperança, a igreja particular que envia a ajuda se renova e não se torna uma mera provedora de bens para uma comunidade mais pobre.

Porém, essas iniciativas para fora de uma igreja particular também deveriam se converter em ações concretas dentro dessa mesma igreja. Não são poucos, os tristes casos em que dentro de uma mesma igreja particular há comunidades que vivem na abundância e outras que mal possuem o mínimo.

Quando se fala em solidariedade dentro das estruturas eclesiais, o desafio é grande. Em primeiro lugar, é preciso que a ajuda entre as igrejas aumente sempre mais. Em segundo lugar, não se deve pensar que uma igreja só dá; ela recebe – e muito! – daquela que é destinatária do apoio solidário. Em terceiro lugar, não se pode pensar em solidariedade somente entre as igrejas particulares ou até mesmo entre as igrejas de territórios ou nações; é preciso enxergar que dentro de uma igreja particular há comunidades que anseiam pela ajuda solidária de comunidades mais abastadas e, ao mesmo tempo, estão dispostas a partilhar daquilo que lhes é mais próprio: a alegria da fé e do seguimento de Jesus.

CONCLUSÃO

“Suportai-vos uns aos outros”, se lê no primeiro versículo do capítulo terceira da Epístola aos Colossenses. Pensa-se com frequência que o significado do verbo “suportar” vai na linha de aturar, aguentar; porém, seu significado se direciona mais por dar suporte, dar ajuda, estender o braço.

Assim, se entende a solidariedade que foi apresentada pelo Documento de Aparecida, porém em uma perspectiva mais social, chegando inclusive a falar de uma “globalização da solidariedade” (Aparecida, 406). A solidariedade cristã estudada por J. Sobrino e por este breve trabalho se refere ao suporte mútuo das cristãs e cristãos, das comunidades e das igrejas particulares como princípio estruturante da Pastoral e da própria Igreja, como também é apresentada em Colossenses.

Dar suporte material e pessoal para receber suporte na fé e esperança, na alegria e entusiasmo do seguimento de Jesus Cristo. Nos dias de hoje, não são poucas as queixas dos ministros ordenados da Igreja que têm diante de si comunidades cansadas e envelhecidas, mesmo gozando de fartura material.

Não seria a hora de se voltar para comunidades mais pobres, mais jovens e, até mesmo, mais “inexperientes” para que se produza uma renovação? Não seria o momento de os Pastores se abrir a realidades que lhe são alheias e acolher essas realidades em suas próprias igrejas particulares? Não seria oportuno não só oferecer ajuda, mas também acolher no seio das comunidades aqueles que recebem ajuda para que possam oferecer sua vida de fé?

Solidariedade cristã, portanto, não é um fenômeno que surgiu somente em uma situação de perseguição de cristãs e cristãos em El Salvador na segunda metade do século passado. Solidariedade cristã, ou nas palavras da Epístola aos Colossenses, suporte mútuo é o jeito mais próprio de agir da Pastoral e de ser da Igreja.

REFERÊNCIAS

PAPA FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, 1. Ed., São Paulo: Edições Loyola, 2013.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Conclusões de Medellín*. 1ª edição. São Paulo: Paulinas, 1998.

_____. *Conclusões da Conferência de Puebla*. 1ª edição. São Paulo: Paulinas, 1979.

_____. *Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe*, 7ª edição, São Paulo: Paulus, 2008.

SOBRINO, J. Como fazer Teologia. Perspectiva Teológica, Belo Horizonte, v.21, n. 55, p. 285-303, set/ dez 1989.

_____. *O princípio misericórdia – descer da cruz os povos crucificados*. 1ª edição. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. *Jesus, o Libertador: a história de Jesus de Nazaré*. 2ª edição. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. *La fe en Jesucristo: ensayo desde las víctimas*. 1ª edición. San Salvador: UCA Editores, 1999.